

A  
GRACA  
DE  
DEUS

JULIAN A. BISIO

Ediçōes Cristãs

# **PREFÁCIO**

**1 - A GRAÇA PROVENDO**

**2 - A GRAÇA ESCOLHENDO**

**3 - A GRAÇA SUSTENTANDO**

**4 - A GRAÇA ENRIQUECENDO**

**5 - A GRAÇA ANTECIPANDO**

# PREFÁCIO

Querer explicar e aprofundar o que é a graça de Deus para o ser humano é tarefa que escapa às possibilidades do homem, tanto na esfera do intelecto quanto na do espírito.

Da mesma maneira que é impossível explicar o que seja Deus, também isto nos é vedado por nossa mesma incapacidade, isto é, dar uma definição que possa ser captada por nossa percepção. O que é GRAÇA.

A aceção de que “graça é um dom imerecido” nos faz admitir até onde podemos compreender, quão grande é a nossa indignidade e quão imerecidos são os favores divinos que nos são outorgados.

Podemos afirmar com gratidão e alegria que o tema de todos os tempos é: A GRAÇA DE DEUS.

Cada vez que lemos a declaração de Paulo aos Coríntios, nos apropriamos dela e bendizemos ao Senhor porque *“pela graça de Deus, sou o que sou; e a Sua graça, que me foi concedida não se tornou vã”* (1 Coríntios 15.10).

O Senhor permita que estas breves considerações nos levem a apreciar e gozar mais dela e de seus benditos benefícios!

.oOo.

## 1

# A GRAÇA PROVENDO

Cabe ao apóstolo Pedro entregar-nos revelações dadas pelo Espírito Santo, desvendando o mistério do Evangelho, para mostrar-nos o que a Graça de Deus tem realizado antes da fundação do mundo.

Quando o pecado fez sua obra mortífera, primeiramente em Eva e depois em Adão, a justiça divina teve que ser aplicada. Deus tinha dito: *“De toda a árvore do jardim*

*comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás*” (Gênesis 2.16-17) e, como consequência da desobediência, nossos pais morreram, isto é, tiveram que ser separados da presença do Senhor. As palavras que encontramos na Primeira Carta de Pedro, advertem-nos como a Graça de Deus tinha sido manifestada antes da Criação do mundo.

Podemos afirmar, envergonhados, que nosso pecado produziu no coração de nosso Deus uma dor que nem podemos descrever porque o nosso fracasso, de nenhuma maneira vai ser recebido com gozo nas esferas celestiais, mas, devido à fraqueza humana, entrou em atividade a Graça porque *“quando o pecado cresceu, a Graça o sobrepujou”*.

O pai que sabe que seu filho vai fracassar por sua desobediência, espera a manifestação da culpa para aplicar o castigo; isto nos fala da justiça e, embora precisasse castigar o transgressor, não vai fazê-lo com gozo, mas com o coração dilacerado pela dor; isto nos mostra o amor.

Agora bem, quando este pai, sabendo que seu filho rebelde vai cair, planeja um plano para que este filho tenha a possibilidade de reabilitar-se, ainda que não o mereça. É aí que entra em ação o favor que não merecemos: a Graça Divina.

Imediatamente após a queda, Deus, como um Pai amoroso, manifesta Sua Graça na ação e na promessa. Na ação temos duas atitudes que parecem formar um paradoxo, mas que não o são. Em primeiro lugar, Deus em Sua Graça retira os inúteis aventais feitos de folhas de figueira e cobre a nudez com peles de animais sacrificados para tirar esta vergonha.

Vemos a Graça? Creio que é fácil vê-la: ela provê o vestígio que cobrirá a consequência da culpa. O cordeiro preparado antes da constituição do mundo cobre nossa nudez e tira nossa culpa, realizando uma obra completa.

O sangue dos animais mortos para vestir Adão e Eva não tinha nenhum valor e nem poder; por esta causa o Senhor da

Graça toma a segunda atitude: ordena que “*o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida*” (Gênesis 3.24) para impedir que o homem em seus pecados se aproxima-se da árvore da vida. Mesmo nesta disposição de justiça, vemos a manifestação da Graça porque o Senhor anela para o homem uma reabilitação completa.

Que seria do mundo se Adão em seus pecados tivesse tomado da árvore da vida? Aconteceriam dois fatos que impediriam nossa felicidade. Em primeiro lugar (e digo isto com muita reverência) o conceito que temos sobre a santidade de Deus não poderia ser sustentada por ninguém, ao permitir que um ser contaminado pelo pecado não morresse. Não esqueçamos o terminante mandado: “*Sede santos porque Eu sou santo*” (1 Pedro 1.16).

Em segundo lugar, que seria de um mundo habitado perpetuamente por indivíduos entregues à prática do pecado? Tenhamos em conta que aqueles que somos regenerados pelo Espírito Santo, ao crermos em Jesus Cristo, temos (apesar de nossas fraquezas e também pecados) aversão ao pecado.

As palavras do apóstolo João ressaltam quando o crente, por sua fraqueza peca e, arrependido, pede ao Senhor que o perdoe. “*Todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado*” (1 João 5.18). Não o faz com o prazer do ímpio que se compraz nele, comete-o porque, às vezes, sob o poder da tentação vai realizar aquilo que não queria e nem convém.

Como consequência, o Espírito Santo nos mostra nossa miserável condição e insiste para que vamos a Cristo. Ao fazê-lo, recebemos uma vida perfeita santa e pura de efeitos eternos, muito mais formosa e abençoada da que teríamos recebido se Adão tivesse podido tomar da árvore da vida.

Após a queda é quando o Senhor promete a Graça que proviria de um vencedor da serpente. Nesta promessa se publica da parte de Deus o que em Sua Graça já tinha preparado antes da fundação do mundo.

Deus disse à serpente: “*Este te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar*” (Gênesis 3.15). Nem Adão e nem nós, merecemos que o Senhor morra por nossos pecados, mas ali

se manifesta a Sua Graça; não merecemos, mas o Salvador vem para ser ferido no calcanhar.

Assim que se cumpre a bendita promessa, e com Sua obra redentora e Sua ressurreição, a semente da mulher fere a serpente na cabeça, alegrando-nos saber que adoramos um Cristo que vive eternamente e que nós viveremos com Ele.

A promessa à mulher é outra manifestação da Graça da parte de Deus, porque, como diz o apóstolo Paulo: *“A mulher, sendo seduzida, veio a cair em transgressão”* e *“vendo a mulher que era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu”* (3.6).

Perguntamos: Merecia a mulher uma honra tão elevada? Merecia ser o instrumento pelo qual o Deus Eterno deveria manifestar-se como homem? Quando João Batista anunciou: *“Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”* (João 1.29), nós podemos dizer com Pedro: *“O precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós”* (1 Pedro 1.19-20).

.oOo.

## 2

# A GRAÇA ESCOLHENDO

Na Carta aos Efésios o Espírito Santo utiliza o apóstolo Paulo para mostrar-nos a Graça de Deus com a sua ação escolhedora. Olhando ligeiramente isto se confunde com o verbo “escolher”, mas não é sinônimo porquanto nos fala de algo mais positivo.

Na eleição temos a ideia de um propósito, mas em “escolher” temos a ação, isto é, o propósito já cumprido. E de que maneira! Disse o apóstolo: *“Assim como nos escolheu nEle, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele”* (Efésios 1.4).

Perguntamo-nos maravilhados como é possível que Deus me tenha escolhido, sendo como sou, um miserável pecador? E não é somente isso, mas ainda inimigo de Deus e com más obras. Como é possível eu, um ser tão desprezível, tenha sido escolhido para um destino tão elevado? Não pretendo explicar porque o Senhor realizou tal milagre! O único que posso dizer é que não sei e não o entendo, mas que quando medito em tal maravilhoso ato da parte de Deus aumenta em apreço comigo o nosso amado Senhor e Salvador Jesus Cristo!

Antes que os mundos fossem formados e que todo este grandioso testemunho de Onisciência, Onipotência e Onipresença de Deus, que é a Criação inteira surgisse, pela Palavra de Seu poder e antes que a Santa Trindade estivesse ocupada num plano de Graça para o homem que ainda não havia surgido de Suas mãos.

Algo que sempre me tem chamado a atenção é precisamente isso: que o homem não foi feito como as outras obras da Criação criadas pela Palavra. Diz-nos o Gênesis: *“Façamos o homem”* (1.26); a seguir, pegou barro e formou o homem com Seus divinos dedos. Não vemos aqui que o Senhor já tinha para conosco um trato preferencial? Não somente nos modelou, mas também deu-nos a elevada honra de fazer-nos à Sua imagem, *“conforme a Sua semelhança”*. Esta declaração bíblica tem feito com que muitos pensem que Deus tem a forma do homem, mas não é isto que a Palavra ensina. Para os tais é bom recordar-lhes as palavras de Jesus à mulher samaritana: *“Deus é espírito”* (João 4.24).

Ao falar de imagem, isto nos leva a pensar nas faculdades divinas que, em nós, se chamam sentidos. Assim como Deus fala, nós falamos; assim como Deus ouve, nós ouvimos; assim como Deus vê, nós vemos; assim como Deus apalpa, nós apalpamos; assim como Deus cheira, nós cheiramos.

Claro está, dentro das limitações que são próprias do homem e prejudicadas após a entrada do pecado!

Alguém dirá: Também os animais têm estes sentidos! Sim, é verdade, mas não nos esqueçamos que a eles lhes foram dadas num plano bem inferior e dentro do uso de conservação da espécie. Uma vez que o irracional termina seu ciclo vital, deixa de existir.

É em Sua semelhança que o Criador nos tem dado um valor superior. É na personalidade moral e intelectual onde o homem se eleva de tal maneira que não pode ser igualado por outros seres.

Em Sua graça infinita, Deus fez o homem senhor de tudo o que foi criado e, para isso, pôs-lhe o espírito de vida. Observemos que assoprou sobre ele, isto é, deu-lhe Seu alento, fazendo-o participante de uma natureza eterna. Em consequência, como Deus, o homem tem mente, tem afetos, tem personalidade imortal, quer dizer que, tanto no céu como no inferno, jamais deixará de existir.

Como resultado do conhecimento do bem e do mal, tem consciência ou, dito de outra maneira, tem em si mesmo o testemunho de sua bondade ou de sua maldade, de sua obediência ou de sua desobediência, de sua culpa ou de sua libertação de culpa. Temos que dar graças a Deus pela consciência que temos!

Ela é uma nova demonstração de Sua Graça, porque se nos temos chegado a Cristo Jesus e temos sido salvos, o temos feito por causa de uma consciência despertada pelo Espírito Santo ao mostrar-nos, pela Palavra, a condição de culpabilidade ante a santidade de Deus.

O Salmo 51 nos fala do gemido suplicante de uma alma angustiada pela consciência despertada e acusadora. Sob um estado semelhante, temos sentido a necessidade de perdão e, ao recebermos a Cristo como nosso Salvador, o Pai nos tem escolhido (retirado) de um mundo perdido e miserável para sermos santos e sem mancha *“perante Ele em amor”*.

A declaração apostólica nos leva a meditar profundamente nos propósitos do Senhor: Fazer-nos santos e



sem mancha perante Ele! Na santificação realizada por nosso Deus, vemos uma ação relacionada como a eleição e o acolhimento. É o que forma um nexos entre as duas. Por conseguinte, a ordem é assim: primeiro a eleição, a seguir a santificação (isto é, colocados à parte), e depois o acolhimento, tomados em Suas mãos.

Em consequência, Deus nos santifica em Sua graça e nós temos que atingir outro aspecto da santificação que Ele já exigia de Seu antigo povo e exige de nós no Novo Testamento: “*Sede santos, porque Eu sou santo*” (1 Pedro 1.16).

Isto nos leva a alegrar-nos com as palavras do Senhor no Evangelho de João: “*Ninguém as arrebatará (Suas ovelhas) da Minha mão*” (10.28). O primeiro aspecto da santificação é devido a que Deus nos toma para Si; o segundo aspecto depende de nós com a ajuda do Espírito Santo quando obedecemos a Palavra e oramos no Espírito. O crente é santificado quando se afasta do pecado. Afastar-se de toda espécie de mal é santificar-se. Não devemos esquecer que isto deve manifestar-se primeiro no nosso coração.

De nada adianta praticarmos o monacato se nossos apetites transcendem os muros do convento, fazendo que todo nosso ser moral e sensitivo vagueie pela esfera do desejo e da atração das práticas mundanas. Não pode haver santidade real e positiva se antes não houve uma mudança no coração!

A santidade que Deus demanda de nós é precisamente a que dá testemunho do poder regenerador do Evangelho. Devemos ir ao mundo levando a mensagem do Senhor, conviver com os pecadores, sofrer com eles, simpatizar com as suas alegrias (sempre que honestas), mas demonstrar que em nós há algo mais que eles não têm, algo que supera gozos e diversões, devemos estar entre eles, mas não praticar seus pecados. Isto nos levará a uma mediação saudável!

A declaração apostólica de que somos epístolas vivas e lidas por todos os homens verifica-se quando apresentamos uma convincente declaração de fé por nossa maneira de viver, afastando-nos de toda espécie de mal e vivendo para glorificar

ao Senhor com palavras, mas principalmente com atos. Isto é possível quando a Graça de Deus opera em nossos corações.

Ao deixar-nos “*sem mancha*”, Deus opera em nós a justificação através do Cristo ressuscitado. Recordemos as palavras de Romanos: Cristo “*foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa de nossa justificação*” (Romanos 4.25).

A Carta aos Efésios nos transporta à esfera celestial e, ao ler as palavras “*sem mancha*”, nossos pensamentos vão ao capítulo 5, onde se fala da perfeição da igreja no dia de Jesus Cristo. A Graça de Deus nos vê sem mancha agora, quando nos vê através dAquele de Quem se diz: “*Tu és Meu Filho amado*” (Marcos 1.11) Quando o Espírito Santo nos diz na Carta aos Hebreus o seguinte: “*Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus*” (10.19), podemos reparar na obra purificadora e para o tempo presente que realiza em nós o precioso sangue de Jesus Cristo, limpando-nos de tal maneira que nos encontramos no estado de idoneidade para entrar no Santuário. Se Deus não nos visse limpos e sem mancha nos seria vedado entrar no lugar santíssimo!

É um prazer enorme a promessa de nosso Deus: “*E nunca mais Me lembrarei de vossos pecados e iniquidades*” (Jeremias 31.34).

No culto de comemoração e de adoração é quando gozamos mais intensamente do que pela Graça de Deus temos recebido. Como sacerdotes entramos pela fê naquele lugar santíssimo e podemos oferecer ao nosso Deus o louvor que surge de nosso coração porque Ele nos vê sem mancha.

Os símbolos nos falam dAquele que veio e morreu para salvar-nos e fazer-nos idôneos para oferecer um culto de adoração que nos faz atravessar a porta, a sublime morada do Senhor, e onde podemos apresentar nossos sacrifícios de louvor, frutos que confessam o Seu santo Nome.

## A GRAÇA SUSTENTANDO

Quantas vezes temos meditado nas palavras do apóstolo na Segunda Carta aos Coríntios 12.9: “*A Minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza*”.

Não tinha dito o Senhor Jesus a Seus discípulos que, tudo o que pedissem ao Pai em Seu Nome, Ele o faria? Será que Paulo não pediu com suficiente fé? Será que Deus se mostrou surdo à voz do Seu servo?

Ao considerarmos esta experiência na vida do apóstolo Paulo é um fato do qual não deveríamos esquecer porque nos veremos livres de erros e de desânimo. O Senhor Jesus nos tem dado um exemplo perfeito: “*Faça-se a Tua vontade*” (Mateus 6.10).

O Deus dos céus ouviu a Paulo e a fé do apóstolo era suficiente para obter a resposta, mas era a vontade do Senhor que Seu servo não se visse livre daquele agulhão. A resposta foi suficiente para trazer conformidade e gozo ao coração do apóstolo: “*A Minha graça te basta*” (2 Coríntios 12.9). Eu creio, irmãos, que, diante desse exemplo apresentado a nós na Palavra de Deus, devemos meditar quando passamos pela prova e pela dor, para não insistir tanto ao Senhor para que estejamos livres do problema, mas para que a Graça de Deus se manifeste em nós.

Quando os mártires de Jesus na história da igreja tiveram que dar suas vidas pela sua fé no Salvador, ficamos admirados em apreciar como foi comovedor vê-los apreciando a obra da Graça em suas almas, oferecendo um testemunho valoroso e exemplar.

Torturados e feitos em pedaços com seus sofrimentos, era uma demonstração palpável de que a Graça de Deus os sustentava e era suficiente para não negarem o seu Senhor, porque o poder de Deus na fraqueza se aperfeiçoa!

Quando Paulo faz uma lista de seus sofrimentos devido ao nome do Senhor, diz: “*Sinto prazer nas fraquezas, nas*

*injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, sou forte*” (2 Coríntios 12.10). O que é que nos sustenta nas provas? Que é o que enxuga as nossas lágrimas? Que é o que age como um bálsamo reparador? Com toda a razão o apóstolo Pedro diz: *“Graça e paz vos sejam multiplicadas”* (1 Pedro 11.2).

É verdade que em cada necessidade o Senhor nos fala adequadamente. É verdade que o Espírito Santo age como Consolador. É verdade que a esperança nos faz enxugar as lágrimas, mas é a Graça de Deus que faz que a Palavra ache eco no nosso coração.

Que o Espírito Santo aja de tal maneira que apreciemos o consolo e que a fé nos dê a conformidade com a esperança, mas que a Graça de Deus aplique a nossas almas todo este bendito ministério!

Quando somos tentados e estamos a ponto de cair, não esqueçamos que é a Graça de Deus a que vem em nosso auxílio, apresentando-nos uma saída. Temos que confessar nossa vergonha que, quando caímos, o fazemos porque a tentação e o pecado acham um campo propício em nosso coração. Não é porque o Senhor nos tenha deixado na ignorância do perigo que nos rodeia, abandonando-nos à nossa sorte. Deus em Sua Graça nos indica o caminho a uma vida vitoriosa, mas a culpa é nossa por não o encontrarmos.

Mesmo depois da queda e queda repetida, chega como uma mensagem de simpatia a palavra dada no livro de Provérbios: *“Sete vezes cairá o justo e se levantará”* (24.16). Não é isto uma obra da Graça? Não vemos aí um favor imenso que não merecemos?

É verdade que mantemos uma luta cotidiana contra o pecado e que muitas vezes temos que exclamar como o apóstolo: *“Miserável homem que eu sou!”* (Romanos 7.24), mas no meio de nosso fracasso e dor podemos ver, alegres, a figura de nosso Mediador, que na glória age conforme lemos em Hebreus: *“Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se de nossas fraquezas; antes, foi Ele*

*tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e graça para socorro em ocasião oportuna” (4.15-16).*

Por outro lado, devemos orar continuamente a nosso Deus, para não cairmos em leviandade espiritual, mas vivamos como filhos obedientes, fazendo que as palavras de Romanos sejam um permanente toque de atenção: “*Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?*” (6.1). De nenhuma maneira!

Se temos que sofrer e padecer pelo Nome de Cristo, que as palavras ditas ao apóstolo Paulo continuem em nosso coração: “*A Minha graça te basta*”. Isto produzirá uma alegria tão grande que nosso vocabulário será pobre para explicá-lo e mesmo ainda que depois de ter passado por experiências semelhantes às do apóstolo.

Temos experimentado isto nas experiências de fiéis filhos de Deus que têm sido um exemplo para aqueles que tivemos o privilégio de cuidar deles. Quando lemos algumas notícias sobre missões como as cinco viúvas dos mártires dos Aucas no Equador, pudemos apreciar que a abundância da Graça do Senhor se fez presente de maneira maravilhosa naquelas benditas servas do Senhor Jesus. E alegravam-se com a certeza de que seus queridos esposos estavam na glória.

Em “*a Minha graça te basta*” não encontramos somente a ajuda do Senhor sustentando nossos corações e espíritos, mas vemos a suficiência para cada uma de nossas necessidades. A Graça é suficiente, não precisamos de mais nada. Bendito seja o Deus de toda a Graça!

.oOo.

## A GRAÇA ENRIQUECENDO

*“Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela Sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2 Coríntios 8.9).*

Às vezes ouvimos que a Graça de Deus é diferente da Graça de Cristo, embora tenhamos bem presente que são um só Deus, Deus Pai e Deus Filho e não podemos esquecer que é a manifestação de um plano preparado antes da constituição do mundo e planejado pelo Deus Trino. Assim, pois, a Graça de Deus é a Graça de Cristo e a do Espírito Santo ao guiar nossos corações ao Filho.

Creio que diante da declaração apostólica nos encontramos novamente num oceano insondável, de enorme profundidade, e que jamais chegaremos a trazer à luz os benefícios da Graça do Senhor em sua plenitude.

O amor foi o que levou Cristo a abençoar-nos com a Sua graça e de que maneira! Ele, que era rico em grau superlativo, de tal modo que nem podemos imaginar, se fez pobre, despojando-se de tudo e tendo que chegar a dizer: *“As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar as mais importantes. Onde apreciamos uma pobreza que comove é em sua natureza moral. Lemos em Isaías 53 e em cada um dos seus versículos encontramos a Graça do Messias despojando-se de tudo em favor do pecador e carregando com a maldade de todos nós.*

No Salmo 22 manifesta-se a Graça ao satisfazer as demandas da justiça morrendo em nosso lugar. Ele sofre o desamparo de Seu Pai para amparar a nós e em completa concordância com Isaías 53, *“levou sobre Si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu” (53.12).*

Desde o princípio das ordenanças divinas em relação ao sacrifício de animais temos uma manifestação profética da Graça de Deus em Cristo, a qual, depois de muitos séculos, continua tendo seu exato cumprimento no sacrifício do Calvário. Podemos notar que em cada passo de Sua paixão, manifesta-se Sua Graça superabundante, porque, como diz

Romanos 5.20: *“Onde abundou o pecado, superabundou a graça”*.

Com toda a razão podemos dizer que somos os mais ricos dos mortais. O Senhor tem posto ao nosso alcance tesouros que são unicamente para aqueles que são Seus. Não podemos entrar no gozo das riquezas de Sua Graça se não formos dEle!

Pensemos em algumas delas. O Senhor disse em certa oportunidade: *“Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo?”* (Lucas 9.25). Somos salvos por Sua Graça e esta salvação que nos faz entrar na possessão da vida eterna, coloca à nossa disposição o que vale mais do que o mundo inteiro. Pena que nós reparamos nesta verdade após crermos no Senhor e é por esta razão que há tantos enganados por Satanás e que desprezam o banquete que oferece o Evangelho, em troca das miseráveis alfarrobas mundanas.

Somos mais do que ricos do que aquele que chega a possuir tudo na esfera terrestre, mas que está sem Cristo. O homem precisa imperiosa e imprescindivelmente ser redimido pelo sangue do Senhor e, quando o é, é pela *“riqueza de Sua graça”* (Efésios 1.7).

Como consequência, ao dar-nos o Senhor o dom da vida eterna, nos dá também aquilo que nos faz herdeiros juntamente com Cristo, das glórias que são próprias do Rei dos reis e Senhor dos senhores, perante Quem todo joelho se dobrará e toda língua confessará, cumprindo-se as palavras de 1 Coríntios 3.21-23: *“Ninguém se glorie nos homens, porque tudo é vosso. Seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo, de Deus”*.

Outra riqueza da Graça do Senhor é a paz que governa nossos corações. Isto é uma dádiva do Senhor. Ele disse aos Seus: *“Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou”* (João 14.27). Esta bênção é possível porque, ao morar por Seu Espírito em nossos corações, Ele, que é o Príncipe da Paz, infunde paz a nossas almas.

Há outro motivo fundamental que nos proporciona paz: a tranquilidade de nossa consciência. Não goza de paz a pessoa que possui uma consciência acusadora! O réu que foge da justiça vive em completa confusão, temendo que o alcance o braço da lei e o faça pagar por seus feitos. Mas se ele é beneficiado por um indulto já não tem o que temer e vive tranquilo.

Já disse tranquilo, pois a paz está estreitamente relacionada com Jesus e, embora viva tranquilo, não experimentará o que é a verdadeira paz até receber a Cristo. Nós temos paz porque nossa consciência foi pacificada, e por que foi pacificada? Porque os nossos pecados que nos acusavam foram perdoados.

Deus, em Sua Graça perdoa todas as transgressões daquele que recebe a Cristo e as promessas da Santa Escritura chegam a nós como um cântico de paz. Disse o salmista: *“Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões”* (Salmo 103.12). *“Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”* (Romanos 8.1). *“Havendo feito a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus”* (Colossenses 1.20).

Também somos ricos em algo que todo ser humano necessita e bem poucas vezes encontra. Refiro-me à consolação. Nada traz tanta consolação à alma atribulada como a Palavra do Senhor. Ela nos mostra a gloriosa Pessoa de nosso Salvador através de suas páginas, o Senhor que sofreu como mais ninguém e que como mais ninguém sofreu o desamparo, nos proporciona a riqueza do consolo que nos vem do mesmo céu para nossas almas, o Espírito Santo, cujo nome é “o Consolador”.

Podemos apreciar a Graça do Senhor para nós, ao dizermos que Ele teria que ir, senão o Consolador não viria. Sabia que necessitávamos urgentemente do consolo do céu e para que o tivéssemos, foi ao Pai para que se cumprisse Sua promessa. Em Pentecostes temos a descida do Espírito Santo



como Pessoa, infundindo poder, valor e fé de tal maneira que já conhecemos o resultado.

Quando os apóstolos sentiam prazer nas tribulações, assim como o primeiro mártir do cristianismo, Estêvão, deixavam um testemunho exemplar, e entrevemos a possessão de algo que era de mais valor, mais que qualquer experiência; era a conformidade prazerosa do Senhor para ele.

Aquele precioso ancião na cadeia de Roma pôde escrever páginas que animariam e consolariam os crentes de todos os tempos e ele nos dá o segredo de seu consolo, quando, escrevendo aos Filipenses, ele diz: *“Perto está o Senhor”* (4.5).

Quão preciosa era para ele a companhia de seu Senhor! Quando está vislumbrando seu fim, pôde olhar para o cadafalso sem perturbação e disse: *“O tempo da minha partida é chegado”* (2 Timóteo 4.6). *“Estou neste tabernáculo, despertando-vos com estas lembranças, certo de que estou prestes a deixar o meu tabernáculo, como efetivamente nosso Senhor Jesus Cristo me revelou”* (2 Pedro 1.14-15). Queremos maior tesouro de Graça? Encarando o suplício e a Eternidade não há rebeldia pensando em si mesmos, mas, pela Graça do Senhor, ocupam-se de seus irmãos em Cristo!

Esta maravilha tem-se manifestado em todos os tempos e em nossa experiência pessoal; temos lidado assombrados em mais de uma ocasião, ante a conformidade e o consolo de irmãos a quem queríamos consolar e que, em lugar deles, nós é que ficamos com esta bênção de tanta riqueza espiritual!

Ultimamente, somos enriquecidos em laços fraternais. Sempre recordo a manifestação feita por um de nossos queridos irmãos anciãos ao regressar de uma longa viagem. Disse ele: *“Partimos um pouco tristes porque aqui deixávamos nossos queridos irmãos; mas, em cada lugar que visitávamos, o Senhor nos dava o prazer de encontrar centenas de irmãos que nos acolhiam com todo o amor”*.

É uma maravilha que, embora o Senhor tenha chamado a Seus discípulos de *“Pequenino rebanho”*, nós fazemos parte de uma família mais numerosa do que poderíamos imaginar!

A declaração do Senhor nos une nEle e, seguindo Seu mandato nos deleitamos no cumprimento de Sua declaração: *“Vós porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos”* (Mateus 23.8).

Aquele que se fez pobre, sendo rico, nos enriquece com os laços benditos da fé e pela participação de um mesmo Espírito e agora somos filhos de Deus. *“A todos quantos O receberam [receberam a Jesus] deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no Seu Nome”* (João 1.12).

Que bênção preciosa é para o filho de Deus que passa pela prova de perder seus queridos saber que, embora chegue a ficar só, para onde quer que vá terá o gozo de uma comunhão fraterna!

Isto nos leva à reflexão profunda que merece a declaração apostólica: *“Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos”* (1 João 3.14). É saudável ler detidamente esta carta porque ela nos ensina que devemos amar àqueles que são verdadeiramente nossos irmãos. Não aos que dizem serem irmãos, mas aos que realmente o são. Também nesta Carta encontramos palavras duras para os enganadores deixadas pelo Espírito Santo.

Assim sendo, o fazer parte da família de Deus, deve manifestar que realmente sou irmão de meus irmãos. Isto fica em evidência não por frases mais ou menos amáveis que se possam pronunciar, mas pela maneira de tratar e agir para com aqueles que são de Cristo.

Na parábola dos dois devedores, o Senhor nos deixa um dilema. Por causa do pedido de Pedro de quantas vezes devo eu perdoar ao meu irmão. Até sete?, surge a dúvida. E a consideração da resposta terá um valor incalculável quando cada um de nós recorde que o salmista disse: *“Se não fosse pela misericórdia do Senhor, seríamos consumidos”*. O que seria de mim se Deus não tivesse manifestado Sua graça para comigo? Como eu teria pago a minha dívida perante a Justiça divina? Ao reconhecer minha triste condição e ver minhas faltas, então compreendo a lição dos dois devedores.

Enquanto o diabo nos engane e creiamos que somos melhores do que os outros, seremos incapazes de demonstrar o espírito perdoador que o Senhor requer de cada um dos Seus filhos.

Quanto a isso, haveria muita coisa a dizer, porque uma coisa é tratar com um irmão que reconhece sua falta e outra, bem diferente, é quando o irmão que tem ofendido acha que é sem defeito; a Palavra do Senhor é para todos e se todos ocupamos o lugar mais humilde, que entendamos como nosso, então ninguém deve tanto ao Senhor; e se manifestará que verdadeiramente somos irmãos de Cristo. Que o Senhor nos conceda a Graça necessária para isto!

.oOo.

## 5

### **A GRAÇA ANTECIPANDO**

No que diz respeito ao futuro, estamos esperando o momento glorioso da revelação da *“Glória se será manifestada”*.

No entanto, Deus tem dado o privilégio a alguns de Seus servos de momentos tão singulares. Nós temos a Palavra revelada pelo Espírito Santo que é suficiente para fazer-nos vislumbrar com gozo acontecimentos futuros. Mas penso em alguns que o Senhor tem distinguido para a manifestação da Sua Graça, fazendo-os testemunhas vivas de fatos relacionados com uma manifestação no porvir.

Em primeiro lugar, temos aqueles três apóstolos Pedro, Tiago e João que tiveram o privilégio de serem testemunhas da manifestação do Senhor em glória, antes de ser crucificado. Não tiveram oportunidade de ver somente ao Senhor, mas também àqueles dois expoentes da antiga dispensação. Tudo o que eles puderam contemplar foi uma manifestação da Graça de Deus, porque, embora se apresentassem desorientados, jamais esqueceriam as palavras e a visão do Senhor.

Deus, em Sua Graça, os brindou com a revelação do conhecimento de uma visão gloriosa pela conversa com Moisés e Elias (Mateus 17.1-6). “*O Filho do Homem havia de morrer fora de Jerusalém*”. Mas foi a aparência resplandecente de seu Senhor o que tocou seus espíritos, tendo uma antecipação do Rei quando se manifestar no Seu Reino.

Não há dúvida que, quando comprovaram que o Senhor não estava no sepulcro, ao terceiro dia, a imagem resplandecente deve ter-se feito presente no coração daqueles três privilegiados. E os dois primeiros, em sua longa vida, certamente muitas vezes abençoando seu ministério, recordaram da cena do monte da transfiguração.

A seguir temos a manifestação do Cristo ressuscitado a todos os discípulos. Ele sabia que Sua presença lhes faria muito bem, que a visão de Seu Senhor e Mestre, vencedor do sepulcro, seria uma força tal que não os deixaria arredar ante nenhuma dificuldade ou prova. Que Graça do Senhor manifesta com a incredulidade de Tomé! Não esqueçamos que somente os crentes tiveram o privilégio e o gozo de contemplar seu Senhor ressuscitado! Seu corpo era glorioso! Tudo para a confirmação de sua fé.

O mártir Estêvão, teve pela Graça de Deus, uma revelação de maior alcance e que foi, ao mesmo tempo, um testemunho para os inimigos do Senhor e do Evangelho. Antes de entregar seu espírito, demonstrou o mesmo sentimento que seu Senhor ao rogar por Seus inimigos. Postos os olhos no céu, pôde exclamar com palavras o que foi uma acusação para aqueles que o assassinariam: “*Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à destra de Deus*” (Atos 7.56).

Não terão influenciado estas palavras na consciência de Saulo de Tarso? Podemos assegurar que esta visão produziu tal estado de paz em Estêvão, que pôde entregar seu espírito a seu Deus com regozijo!

Paulo teve, não sabemos quando e nem como, revelações tão extraordinárias que nem pôde escrever. O Senhor sabia o

que Seu servo necessitava e em Sua graça o fez desfrutar antecipadamente algo da glória que ele anunciava e esperava.

Devia ser tão maravilhoso que, por causa dessas revelações, Deus permitiu que um agulhão espetasse em sua carne, para não se ensoberbecer (2 Coríntios 12.1-10).

Finalmente, temos a João, que pôde escrever o que viu. É tão importante que podemos classificar de um valor superlativo e podemos alegrar-nos que ao seremos libertados das pragas escritas nesse livro, nossos corações cantam um hino de gratidão. Como podemos apreciar a Graça de Deus para conosco, ao conhecer as terríveis desventuras que suportarão os que aqui ficarem, ao sermos nós levados à glória!!!

As palavras do Salmo 23 têm sido as companheiras de inumeráveis moribundos. Viam chegar a morte, mas as palavras do salmista os animavam e experimentavam a veracidade das declarações: *“Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque Tu estás comigo”* (Salmo 23.4).

Sim, unicamente os protagonistas de semelhantes experiências são os autorizados para explicar-nos o que sentiram e viveram, mas há manifestações da Graça de Deus que Ele concede àqueles que não ficarão para contar-nos sua experiência. Um enfermo que, pela bondade do Senhor vai ser levantado de seu leito, jamais chegará a uma recepção de Graça semelhante à que lhe é dada ao partir para estar com seu Redentor!

Eu creio que até nisto devemos admitir a importância do conhecimento que resulta da leitura constante das Sagradas Escrituras!

Mas esteja cheio nosso coração da Palavra de Deus, e apreciaremos com antecipação das glórias que serão nossas, quando Cristo nos leve para a Sua eterna presença.

Quanto mais nos deleitarmos em nossa posição como filhos de Deus, mais elevado será o conceito do gozo de nossa herança. Quanto mais nos conheçamos a nós mesmos, tanto maior será o sentimento de gratidão que nossa alma sentirá

para com Aquele que, não conhecendo pecado, se fez pecado por nós.

Quanto menor seja a estima de cada um, tanto maior e mais elevado será o conceito sobre a bendita Graça de Deus que abrigará nosso coração agradecido!

Finalizando, repito as palavras do apóstolo Paulo aos Coríntios: *“pela graça de Deus, sou o que sou; e a Sua graça que me foi concedida, não se tornou vã”* (1 Coríntios 15.10).

Senhor, nada valho! Senhor, nada sou! Senhor, nada mereço! É unicamente a Tua Graça que me dá o bendito direito de repetir a oração modelo em comunhão filial. Pai nosso que estás nos céus, seja o Teu Nome santificado!

**.oOo.**